

TÍTULO DO ARTIGO: PLANO INTERNACIONAL DE CONTAS NA HISTÓRIA DA CONTABILIDADE

AUTOR: MARCO ANTÔNIO AMARAL PIRES

BREVE CURRÍCULO:

Marco Antônio Amaral Pires

Contador e Administração de Empresas, pós-graduado em Contabilidade e Auditoria, mestrando em Contabilidade pela Fundação Visconde de Cairú, Perito Contador, Membro da Academia Brasileira de Ciências Contábeis e da Academia Mineira de Ciências Contábeis.

ENDEREÇO, TELEFONE, FAX E E-MAIL PARA CONTATO:

Rua dos Timbiras 3.109 conj. 304,
Barro Preto
Belo Horizonte
CEP 30-140.062

TELEFONE/FAX: 031-32952178

EMAIL: maap@peritoscontabeis.com.br

URL: www.peritoscontabeis.com.br

**Publicado no Boletim da Associação Portuguesa de
Técnicos de Contas (APOTEC) - Jornal de Contabilidade -
Ano XX, n.º 235 de out/96.**

PLANO INTERNACIONAL DE CONTAS NA HISTÓRIA DA CONTABILIDADE

Prof. Marco Antônio de Amaral Pires

Membro da Academia Mineira de Ciências Contábeis

Bacharel em Ciências Contábeis e Administração de Empresas

Pós graduado em Contabilidade e Auditoria

Professor universitário na FUMEC/MG

Pesquisador do Centro de Estudos Superiores de Contabilidade do CRC/MG

Perito Judicial

As iniciativas de universalização da informação contábil parecem ter tomado seu real desenvolvimento no início deste século XX. Poucos esforços foram mais notáveis que os desenvolvidos a partir da primeira década e iniciados na Bélgica. O trabalho ali começado ainda hoje prossegue, sob outras formas, mas, a força das idéias, das intenções são dignidades que valorizam a História da Contabilidade.

ORIGENS DO PLANO INTERNACIONAL

A tentativa de se criar um Plano de validade internacional teve por objectivo implantar um sistema que fosse compreendido em todo o mundo e que pudesse dar uma idéia da vida das empresas sob o ângulo de sua visão contábil, econômica e social.

A preocupação principal, portanto, foi a de grupar as contas, sem modelagem financeira, mas, basicamente patrimonial (dita por muitos defensores do Plano de econômica).

Tinha-se por base histórica, como raízes, o trabalho de H. Godefroid, “Cours de comptabilité pratique, industrielle et commerciale», editado em Charleroi, em 1864 e que grupava as contas em seis grandes grupos, buscando um alcance maior de entendimento, ao sabor mais da função dos elementos da riqueza que dos giros de pagamentos.

Doutrinariamente a orientação já repousava nas idéias de elencar as contas que haviam brotado, em verdade, desde as primeiras teorizações da Contabilidade, com Angelo Pietra, em 1586, mas, com o teor mais acentuado de generalidade e abrangência e que muito forma desenvolvidas na França, a partir de De La Porte, no século XVII, e de Barrême e Degrange (pai e filho), posteriormente (séculos XVIII e XIX).

A preocupação “financeira” (circulante, permanente etc.) não era a basilar, pois, grupava-se com vistas a funções de elementos.

Esta tendência prevaleceu no critério evolutivo.

Aduziu-se à tarefa de Godefroid a planificação de A. Rochet, de 1892.

O quadro de contas de Rochet também tinha sabor patrimonial e apresentava seis categorias (Meios de Produção, Elementos dos Preços de Custos, Objectos da Sociedade, Operações Auxiliares, Operações Comerciais e Financeiras e Operações Sociais).

Os critérios tinham, por responsabilidade básica a evolução do capital e da actividade, no seu ambiente socio-econômico, sem preocupações com prazos de direitos e obrigações (como é o dos anglo-saxões, volvidos apenas aos interesses financeiros e que são apenas uma parte da vida das empresas).

Acredita-se, todavia, ter sido Paul Otlet o iniciador de uma verdadeira tentativa de internacionalização, quando, em 1901, buscou uma generalização válida em todas as partes.

A idéia evoluiu, sempre, com as classificações em grupos, mas com vistas a universidade.

Com 9 grupos, Gabriel Faure, ainda no início do século XX, apresentou um Plano de classificação decimal, com semelhantes propósitos, ou seja de um alcance genérico, competente para identificar a partir de códigos.

O MOVIMENTO CULTURAL DE INTERNACIONALIZAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA

A idéia de “Planos de Contas” começou então a materializar-se nessa época, mas foi o Professor Marcel H.E.R Mommen, na Bélgica, sem dúvida, o primeiro a liderar, de fato, um movimento objetivo, internacional, para a realização de um Plano de valor mundial e com bases em princípios de funções de contas e não de funções apenas de pagamentos e recebimentos e dívidas e haveres (concepções financeiras e jurídicas).

A organização de um movimento para a internacionalização inicia-se em 1945 e finalmente faz surgir um Conselho Internacional do Plano de Contas Internacional, derivado de uma Comissão Internacional que se constituirá em Julho de 1951.

O espírito de Paul Otlet se materializava, finalmente, na ações de Mommen.

A idéia que já vinha em marcha com a implantação de uma « Association Internationale de Comptabilité», em 1911, em Bruxelas, onde Otlet já tinha papel predominante, só teria dinamismo efectivo, quarenta anos depois, por conseguinte.

Foi memorável o evento que se denominou de Jornadas Internacionais de Contabilidade, ocorrido em Paris, em 1953.

A comissão, naquelas Jornadas, aprovou um Plano Internacional, com 9 grupos: Investimentos, Equipamentos, Finanças, Relações (Terceiros), Elementos Operacionais de Base, Custos, Produções, Distribuições e Resultados.

Mommen, a partir dessas bases, iniciou um movimento sério de difusão, nomeando diversos representantes no mundo, dando-lhes autonomia de trabalho e solicitando opiniões.

Para o Brasil, como Presidente da regional do Conselho Internacional, foi eleito na Europa o Prof. Antônio Lopes de Sá nos fins da década de 50.

Em 1963, Lopes de Sá já participava de uma das Jornadas Internacionais que se realizavam pelo Conselho, em Barcelona, com ativo aporte de trabalhos.

Em 1964, o mestre brasileiro recebia o Prêmio Internacional Joseph Antonioz, em Roma, por ter sido o melhor interprete e prestado as melhores contribuições ao referido Plano, naquela época.

Lopes de Sá, como Presidente Nacional e com a autoridade que lhe erra outorgada pelo Comitê, na Bélgica, também em 1964 nomeava o Prof. Alberto Almada Rodrigues como primeiro membro do Conselho, na seção brasileira.

O Plano de Contas Internacional teve suas pesquisas publicadas em um trabalho em dois volumes, editados pela Editora Cambel, de Bruxelas e de autoria de Mommen.

Nessa obra, o único plano da América Latina agregado a pesquisa internacional, como *Sul-americano*, foi o de Lopes de Sá.

O mestre brasileiro, naquela época, concluía a sua muito bem sucedida obra inflação e balanço, editada pela Atlas de São Paulo e em Buenos Aires pela Selección

Contable, sendo pioneiro na literatura dos efeitos da inflação sobre os balanços, no Brasil; tal trabalho incorporou ele aos do Plano Internacional, com grande repercussão.

Os estudos sobre a internacionalização do Plano de Contas tiveram no Brasil difusão desde a década de 50, nas obras de Lopes de Sá, editadas pela Atlas e em seus artigos na Revista Paulista de Contabilidade.

AS NOVAS INCURSÕES DA INTERNACIONALIZAÇÃO

O plano internacional foi um esforço notável, registrado na História da Contabilidade, só muito mais tarde sufocado pela pressão anglo-saxônica em desejar impor a todas as Nações o seu próprio modelo, embora severamente criticado pelo próprio Senado dos Estados Unidos, nos fins da década de 70.

Em verdade o que se pretendeu, desde a instalação das novas comissões, associações, federações, grupos de trabalho, foi dar relevo ao que já se fazia nas Associações norte-americanas, com orientação dos planos apenas financeira, tal como a que foi imposta no Brasil pela Lei das Sociedades por Ações, por influência de pessoas ligadas a multinacionais.

O que ainda prossegue não tem mais o embasamento de doutrina que caracterizou o “Plan Comptable International” de Otlet, de Mommen e que contou com esforços memoráveis de Almada e Lopes de Sá, no Brasil.

A falta, entretanto, de harmonização que ainda preside a nossa normalização internacional faz, como denuncia Gadea, da Universidade de Saragoça, que um balanço possa dar lucro em um País e o mesmo balanço dar prejuízo em outro (cita esse autor o exemplo da Daimler-Benz).

As sérias ambições de um Plano de Contas Internacional ainda permanecem sem conclusão e não sabemos até quando poderá assim ocorrer, pois, radicalizam-se opiniões, não obstante às pressões para o prevalecimento do pragmatismo anglo-saxão.

Em toda essa brilhante história de inteligências a favor da ciência contábil e do interesse geral dos povos, não há dúvida, resta a análise das intenções como algo deveras dignificante, ou seja, o esforço de dar à informação o melhor e mais amplo sentido.

METODOLOGIAS DOS PLANOS E INTERNACIONALIZAÇÃO INFORMATIVA

Embora a Contabilidade, no campo informativo, associada à informática e à Telemática, não passe de um instrumento que deve levar a estudos racionais de explicação e interpretação de fatos da riqueza, não se pode negar que foi ela quem traçou a maior parte de nossa História e que é a própria História do Empirismo em nossa área (como em outras ciências, também).

O período pré-científico, onde os franceses e belgas foram tão importantes (Savin, De La Porte, Barrême, Degrange etc.) criou novas esperanças e o Plano internacional, de Otlet havia buscado inspirações nas últimas correntes.

Pelo menos, quanto a isto, podemos dar louvores maiores ao sucedido, pois, a doutrina era a base e ela me parece a única porta certa para penetrar no campo das Normas, como acertadamente tem-se conduzido o Conselho Federal de Contabilidade, especialmente na Resolução 774, de boa inspiração científica.

Embora a História da normalizações contábeis aponte para um começo nos braços do empirismo, a verdade é que também nos conta que tal caminho não é o aconselhável, em razão das profundas desarmonias.

Só a ciência alcança a generalidade e só ela tem condições de sucesso.

O Plano Internacional de Otlet, de Antonioz, de Mommen, de Lopes de Sá, de Rodas Reys, iniciou-se pelas vias de um embasamento preocupado com a ciência do patrimônio e que, inquestionavelmente, não é a das Finanças, mas, sim, a da visão holística do comportamento da riqueza.

Os mercados comuns passaram a acentuar a necessidade da internacionalização da informação, mesmo sem que ainda se possa alcançar uma globalização.

A Europa, através de suas Directivas, traçou linhas gerais, mas, competentemente todas as Nações da Comunidade Europeia elaboraram os seus Planos de Contas (única forma de haver ordem real disciplinadora).

O bem sucedido Plano Francês, o moderníssimo Plano Espanhol, o já bem evoluído Plano português, em suma, os Planos Internacionais estão em comunhão de pensamentos na Europa e muito seria bom que assim fosse, também, no Mercosul, deixando-se de lado o vetusto modelo anglo-saxão, apenas de face financeira, insuficiente para nossos dias.

A História está a nos provar que o melhor caminho é este e que as maiores inteligências tenderam para o mesmo, no campo da Contabilidade.

BIBLIOGRAFIA

BRUNET, André A. – La normalisation comptable au service de l'entreprise, de la science et de la Nation, edição Dunod, Paris, 1951

FERREIRA, Rogério Fernandes – O Plano Oficial de Contabilidade, ensaios e estudos críticos, edição Escher, Lisboa, 1992

GADEA, José Antônio Lainez – Comparabilidad Internacional de la información financeira, analisis y posición de la normativa española, edição ICAC, Madri, 1993

MOMMEN, Marcel H. E. R – Le plan comptable selon différentes formes d'expressions et son abeuissement International, volumes I e II, edição CAMBEL, Bruxelas, 1957

MONTEIRO, Martim Noel – Planos de Contas Sectorias, edição Livraria Avis, Porto, 1979

PEÑA, Enrique Fernandez – Cuadro de cuentas del PGC 1990, em Nuevo Plan General de Contabilidad, edição Lex Nova, Valladolid, 1991

PENA, Enrique Fernandez e RODRIGUES, Carlos Mallo – Plan General Francês de Contabilidad, edição ICAC, Madri, 1992

SÁ, Antônio Lopes de – A qualidade técnica dos planos de contas, in seleções ATC, edição COAD, Rio de Janeiro, 1988

SÁ, Antônio Lopes de – Planos de Contas, 8ª edição, Editora Atlas, São Paulo, 1994